

galardão muito valorizado e justificadamente cobçado pelos artistas, porque simboliza o reconhecimento do mérito.

Conforme fora noticiado realizou-se previamente um coquetel na Terraza Martini, no Conjunto Nacional e logo em seguida a solenidade no Auditório do Museu de Arte de São Paulo.

Pretendo nesta nota transmitir aos leitores a impressão geral não apenas do espetáculo, mas principalmente dos artistas famosos ali presentes, aspecto que me parece o mais interessante ao espectador, pela parte curiosa do evento.

Naquela noite a nossa conterranea e conhecida pintora Odila Mestrinier também estava sendo contemplada com o premio de a melhor desenhista do ano anterior. Não é comum um artista do interior e que aqui vive modestamente sem promoções ou influentes padrinhos, ser lembrado lá pelos maiores da cúpula artística da Metrópole. Odila ombreou-se, destarte, às expressivas e populares figuras do Cinema, da Literatura, da Musica Erudita e das demais artes ali representadas. O premio consistiu em artística gravura emoldurada com os dizeres da APCA, de autoria do talentoso gravurista Odetto Guersoni, também premiado. A nossa conterranea foi muito cumprimentada no coquetel e aplaudida na solenidade.

Predominou na festa um toque de alegria e até de brincadeiras entre os premiados, lembrando-me das festas-solenidades da Faculdade do Largo São Francisco que transcorriam entre risos, irreverentes piadas e desconcertantes imprevistos.

Eva Wilma estava muito bonita, enxuta e elegante num longo vestido preto ornamentado com um única e enorme rosa vermelha, toda feliz levando pelo braço um lindo broto de uns dezito anos: sua filha. Jonh Herbert, meu conterraneo na Faculdade, pareceu-me um bocado enrugado, embora mantenha aquela elegancia dos tempos academicos e por outro lado não temna mais aquele ar tímido que o caracterizava. Eliset Cardoso, num longo lilás, conservadíssima, extrovertida ao cumprimentar os conhecidos. Ligia Fagundes Teles já não é mais aquela beleza suave e sensual de há alguns anos, embora ainda elegante na sua excepcional altura e no gosto ao se vestir, amadureceu fisica e intelectualmente porque se tornou uma de nossas maiores escritoras. Gianfrancesco Guarnieri, num terno moderno no tom chumbo brilhante, com os cabelos corridos e castanhos vivos, com o olhar brejeiro, mesmo andar de "tonho da Lua", aparentemente tímido, tez clara, educado e atencioso: eis a maior revelação do teatro brasileiro, que como ator quer como autor. Gianni Ratto, com todas as características acentuadas do italiano, cabelos grisalhos, é o competente cenógrafo dos palcos paulistanos. Aquele moço ali, com ar de galã, muitissimo bem humorado, compleição ligeiramente atlética e com ar de universitário inquieto: Othon Bastos. Cacilda Lanuzza, discretissima e reservada. Vejam aquela senhora de cabelos branquinhos, o protótipo da vovó carinhosa, a simpática Carmen Silva. Plinio Marcos, aparentando muito menos idade que na Televisão, com aquele jeitão mesmo de italianinho do Bexiga, todavia moço dotado de talento e dos maiores do teatro e da televisão. Ypê Nakasima, naquela humildade oriental: o autor do desenho "Piconze". Alfredo Volpi que não via há muito, ainda forte mas envelhecido, os cabelos totalmente brancos e aquele andar meio desengonçado. O Reboló, o Rebolinho como era chamado nos meios da pintura pela simpatia e pela pequena estatura, é o grande Francisco Reboló Gonsales, também de cabelos brancos e sempre com ar cordial. O pianista José Eduardo Martins (não confundi-lo com o celebre irmão João Carlos), alegre, cavalheiro, querendo saber dos ribeirãopretanos presentes noticias de seus parentes, família Gandra e prometendo que em setembro virá tocar em nossa cidade na Capela da Medicina, interpretando Fauré, comemorando o quinquagésimo aniversário da morte do mesmo. A jovem cantora Lenice Prioli, aluna da minha velha conhecida Profa. Madalena Lebeis. E quanta gente mais, meu Deus do Céu. Na platéia, ali está um senhor corado, de fino trato, de olheiras acentuadas, em trajes esportivos, cabelos cor de cajú, encaracolados em pequeninos anéis, majestoso em sua popularidade: Carlos Zara. Mais adiante um moço fidalgo, tez muito clara contrastando com a barba muito preta, não escondendo o tique de pisca-pisca, a voz modulada e até suave: Antonio Fagundes ("O Machão"). Ali um nosso conterraneo, um mocinho simpático e cordial que abandonou os estudos de engenharia e hoje trabalha no Teatro do Sesi ao lado de Marcos Plonka e Claudio Correia e Castro: Paulo Fabbini.

O Coral da USP apresentou aplaudidos numeros e o Ballet Stagium dançou "Jerusalem" de Almeida Prado, este também premiado.

Sem dúvida, memorável noite no céu artistico de São Paulo, no qual fulgurou uma estrela ribeirãopretana de primeira grandeza: Odila Mestrinier. — (Geraldo Quartim) —

#### A ENTREGA DOS PREMIOS DA APCA

Realizou-se dia 10 do corrente em São Paulo, a entrega dos premios dos melhores de 1973, nos setores de Teatro, Cinema, Artes Visuais, Literatura, Musica Erudita, Musica Popular, Dança e Televisão, premios conferidos pela Associação Paulista de Criticos de Arte (APCA).

DIÁRIO DA MANHÃ — 22-6-1974